



Resenha do livro “Unrestricted Warfare”¹

Esta obra publicada em 1999 foi escrita pelos coronéis chineses Qiao Liang e Wang Xiangsui e o seu construto teórico foi o de apresentar a discussão sobre o emprego de “novos” procedimentos, meios e métodos que transcendem as táticas militares nos conflitos assimétricos envolvendo meios de alta tecnologia implementados por Estados em inferioridade militar. Os autores apontam como objetivo central do livro o emprego de uma multiplicidade de meios militares e, principalmente, os não-militares, como possíveis métodos a serem empregados em uma situação de beligerância. Entre eles, destacam-se os ataques a *sites* da internet e a instituições financeiras, o terrorismo, a guerra de mídia e a guerrilha urbana.

O livro é dividido em duas partes: a primeira discorre sobre o emprego em combate dos meios dotados de alta tecnologia, bem como sobre a tendência do emprego de armas “suaves” e das novas dimensões em que ocorrerão os combates neste início de século. Na segunda parte, os coronéis apresentam suas propostas de novos meios e métodos de operação em guerra.

O corte temporal do início da discussão do tema data da última década do século XX, época em que, segundo os autores, com o colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1991 e com a conseqüente desestabilização do concerto internacional pela ruptura do equilíbrio entre as potências mundiais existentes no período da Guerra Fria, o mundo passa a presenciar o surgimento de um outro cenário denominado de “*nova ordem mundial*”, caracterizado pela superação da bipolaridade Leste-Oeste e pela ratificação da hegemonia militar norte-americana, capaz de declarar guerra a qualquer outro Estado, em qualquer lugar do globo, sem temer uma represália.

No campo militar, os autores apontam a 2ª Guerra do Golfo (1990-1991)² como o ponto de inflexão nos conceitos da natureza da guerra, tendo em vista os profundos impactos exercidos sobre a sociedade pelas novas motivações decorrentes da liberdade econômica, a concepção dos direitos humanos, bem como a percepção da importância da proteção ambiental. Neste contexto, a condução da guerra também irá sofrer influências desta nova realidade mundial, sendo desencadeada de formas cada vez mais atípicas. Acreditava-se, portanto, que no imediato pós Guerra Fria, iniciar-se-ia uma era de paz e prosperidade, pois, como na visão idealista de Francis Fukuyama, “um mundo feito de democracias liberais teria menor incentivo para as guerras”. Porém, esta esperança de um mundo sem guerras “catastróficas” de caráter global, como as vivenciadas no século XX, foi dissolvida ao presenciarmos conflitos como os da Somália, Ruanda, Bósnia, Kosovo, Chechenia, Afeganistão e Iraque. Ou seja, o cenário esperado de uma tendência re-

lativa na redução da violência militar foi substituído pelo aumento da violência política, econômica e tecnológica, situação em que os novos princípios de guerra não prescrevem mais “o emprego da força armada para compelir um inimigo à nossa vontade”, mas sim, “a utilização de todos os meios, militares e não-militares, letais e não-letais, para compelir um inimigo aos nossos interesses”.

Como exemplificação desta nova realidade, o ataque financeiro realizado por George Soros no Sudeste Asiático, os ataques terroristas conduzidos por Osama Bin Laden, os ataques realizados pela internet por Morris Junior e a reportagem da CNN mostrando os corpos de soldados mortos nas ruas são eventos cujos graus de destruição e danos econômicos são comparáveis ao de uma guerra, ou ainda, segundo os autores, são eventos que apontam para uma forma embrionária de um novo tipo de guerra.

Diante desta nova realidade, os coronéis defendem a tese de que estas ações podem se tornar elementos constituintes dos meios e métodos em uma guerra do futuro, sugerindo que deveria ser criada uma nova designação para este tipo de guerra: *uma guerra que transcenda todas as fronteiras e limites, em resumo, a Guerra Além dos Limites*. Ou seja, a guerra prescreve a prontidão de todos os meios disponíveis, a onipresença da informação, a presença do campo de batalha em todos os lugares. Assim sendo, a guerra significa a fusão de todas as armas e a eliminação de todas as fronteiras entre as ambiências militar e não-militar.

Ao examinar a questão da *Revolução dos Assuntos Militares* (RAM), os autores discutem que esta revolução era diretamente proporcional ao aparecimento de armas “revolucionárias”, como no caso das lanças de bronze, o arco e flecha, a pólvora, os canhões, os blindados etc. Porém, na atualidade, em função da rapidez com que ocorre a evolução tecnológica nos armamentos, as RAM não serão mais deflagradas pelo aparecimento de uma ou duas armas singulares, mas, sim, pelo aparecimento de diversos tipos de armas, capazes de compor sistemas que possam produzir um efeito sensível em um conflito.

Outra questão apresentada é a discussão entre dois pensamentos doutrinários: “*guerrear com as armas existentes*” ou “*armas específicas para guerrear*”. Para os autores esses dois pensamentos marcam a linha divisória entre a guerra tradicional e a guerra do futuro. O primeiro pensamento reflete sobre a adequação do combatente a empregar a melhor tática para o armamento que se tem, enquanto o segundo representa uma mudança singular entre armas e táticas, pois, primeiro determina-se o modo de combater e, em seguida, desenvolve-se o armamento. Como exemplo disto, temos o “Teatro Informatizado” e “Unidades Informatizadas” desenvolvidas pelos americanos desde 1982.

Esta nova abordagem é uma indicação de que a condição dos armamentos como precursores da RAM foi abalada. Para os autores, a definição da tática vem em primeiro lugar e, decorrente dela, é que surgirão as armas. Porém, apesar de esta concepção ser um avanço na preparação da guerra, ela incorpora um potencial de crise, pois configurar armamentos sob medida, para executar táticas que ainda estão sendo desenvolvidas, é como se preparar um banquete sem saber quem são os convidados. Foi o caso do desastroso desempenho das forças americanas na Somália quando se defrontaram com as milícias de rua, onde a força mais poderosa do mundo não soube controlar o clamor público e lidar com ações não convencionais.

Os autores ainda apresentam os conceitos de “*armas de emprego neoconcepcional*” e “*armas neoconcepcionais*”. As primeiras são armas que podem ser controladas e manipuladas em um nível tecnológico, sendo capazes de infligir danos materiais e psicológicos. São armas de energia-cinética, subsônicas, meteorológicas, energia solar e genéticas (Ex: Iodeto de prata empregado na Trilha Ho Chi Min no Vietnã pelos americanos). Já as armas neoconcepcionais têm uma perspectiva mais genérica, englobando todos os meios, inclusive aqueles que transcendem a ambiência militar, mas que podem ser empregados em ações de guerra. Ou seja, qualquer coisa neste mundo pode ser transformada numa arma, e esta possibilidade requer a percepção do que vem a ser uma arma: esta ultrapassa todas as fronteiras. São exemplos de armas neoconcepcionais: a indução de um colapso de um mercado acionário, a contaminação de uma rede de computadores, rumores que resultem na flutuação de câmbio etc.

No que concerne à tendência do emprego de “*armas suaves*” nos conflitos deste século, os autores, ao considerarem as novas concepções políticas, a integração da economia mundial, o entrelaçamento de interesses, a preocupação com a ecologia e o meio-ambiente e a valorização da vida humana, discutem que todas estas questões influenciam as novas concepções de guerra e a ética na condução da guerra. Diante desta nova realidade, os Estados procuram desenvolver seus planejamentos de forma a conduzir suas ações diretamente sobre o centro de gravidade do oponente, causando os menores danos colaterais possíveis. Desta forma, o emprego destas “*armas suaves*” representa uma mudança com profundas implicações sobre a história da guerra, constituindo o divisor de águas entre as antigas e as novas formas de guerra.

Uma outra questão apresentada nesta primeira parte do livro examina o fato de que os *elementos básicos de uma guerra* — soldado, armamento, campo de batalha e propósito — aceitos há milhares de anos, começaram a mudar e chegará um dia em que será impossível fixá-los de forma efetiva. Na era bipolar, os ideais eram bem definidos e, principalmente, quem eram seus amigos e inimigos. Com o colapso da Cortina de Ferro, um Estado que ontem era seu adversário, hoje é seu parceiro econômico. A razão para se iniciar uma guerra pode ser qualquer uma: disputa por território, recursos, crença religiosa, participação em mercado financeiro, poder, sanções comerciais, entre outras. Os objetivos da guerra tornaram-se nebulosos devido à diversidade de interesses convergentes a serem atendidos. Portanto,

cada vez mais é difícil dizer, claramente, o porquê de se estar engajado em um conflito, ou saber o que os estadistas já conhecem: “que a maior diferença entre as guerras contemporâneas e as do passado é de que nas guerras contemporâneas, os propósitos declarados são, frequentemente, diferentes dos propósitos ocultos”.

No que tange a discussão sobre a nova dimensão do campo de batalha, os autores consideram que o constante processo de desenvolvimento tecnológico tem criado as condições para expandi-lo para uma dimensão que é virtualmente ilimitada. Exemplo disto são os satélites, submarinos com mísseis balísticos, a guerra eletrônica e a guerra psicológica. Porém, a verdadeira mudança revolucionária no campo de batalha decorre do que é chamado de “*espaço não natural*”. A partir deste “*espaço criado pelo homem*” ou “*espaço tecnológico*”, os conceitos de dimensão, peso, terra, mar e ar perderam seus significados. Dentre eles, o ciberespaço é o que desperta maior atenção às guerras do futuro e, portanto, uma mudança fundamental na “*ambiência da guerra*” não está longe de ocorrer. As guerras em redes interativas podem-se tornar uma realidade e irão ocorrer em paralelo às guerras tradicionais. Ambos os campos de batalha, o tecnológico e o convencional, irão sobrepor-se e interagir de forma complementar. Simultaneamente, com o progressivo esmaecimento da distinção entre tecnologia militar e civil, entre o militar profissional e o não-militar, ocorrerá uma superposição cada vez maior entre o campo de batalha e as áreas de paz ou neutras, tornando cada vez menos definida a linha divisória previamente existente. Ou seja, o campo de batalha é uma entidade onipresente, sendo possível iniciar-se uma guerra que irá destruir o inimigo a partir de uma central de processamentos de dados ou do recinto de uma bolsa de valores.

Desde o período da Guerra Fria, os Estados iniciaram a elevação da qualificação técnica de suas tropas em função do crescimento da tecnologia cibernética, bem como do avanço das tecnologias incorporadas aos armamentos e das atualizações dos pensamentos militar e doutrinário. Para os autores, a era dos “*fortes e valentes soldados defensores da nação*” já está ultrapassada. Para eles, é possível que um jovem pálido e franzino, usando um par de óculos de grau, esteja mais preparado para ser um soldado moderno do que um jovem forte e musculoso. É o aparecimento de um novo modelo de combatente — o guerreiro digital. Não obstante, existe uma tendência civilista da guerra, onde guerreiros não-militares penetrariam na ambiência militar. E, dentro deste contexto, o primeiro ator que aparece é o hacker: a magnitude dos resultados de um ataque bem sucedido em sistemas informatizados pode ser maior que os causados por uma bomba atômica.

Durante a década de 1990, concomitantemente a uma série de ações militares deslançadas por guerreiros não-profissionais e organizações não-estatais, começa a surgir um novo tipo de guerra não-militar, conduzida por um outro tipo de guerreiro, também não-militar. São exemplos deste novo tipo de guerra: o terrorismo, a guerra comercial, guerra ecológica, guerra de mídia, guerra psicológica, guerra cultural, entre outras.

Os norte-americanos resumiram as quatro formas de guerra que poderão ocorrer no futuro, a saber: Guerra Ci-

bernética, Guerra de Precisão, Operações Combinadas e as “*Military Other Than War*” - MOOTW. Alguns sustentam que a guerra cibernética será a forma básica de guerra futura. No entanto, a concepção que realmente incorpora uma característica criativa é a concepção das MOOTW. Esta forma de pensar a guerra está vinculada à idéia do “interesse comunitário global”, segundo a qual é empregada uma grande diversidade de medidas para lidar-se com os problemas do século XXI. As ações ou medidas que podem ser classificadas como MOOTW compreendem: manutenção de paz, combate ao tráfico de drogas, controle de armas, apoio humanitário, combate ao terrorismo, etc.

Diante disto, conclui-se que a diversidade de meios empregados tem modificado o conceito de guerra, ampliando, sobretudo, a ambiência das atividades relacionadas com a guerra. Ou seja, qualquer guerra que seja iniciada no futuro será caracterizada pelo uso da força das armas e por qualquer outro meio capaz de “obrigar o inimigo a aceitar a nossa vontade”. Dessa forma, os autores apontam para o emprego de “todos os meios disponíveis”, seja o da força das armas ou outros, “ligados ou não ao poder militar e que provocam ou não vítimas, visando obrigar o inimigo a atender os nossos interesses.”

Na segunda parte do livro, é apresentada a discussão sobre os novos meios e métodos de operação. Inicialmente, os autores afirmam que as Forças Armadas dos Estados não são mais a principal ameaça à Segurança Nacional de um outro Estado. Ainda que continuem existindo as mesmas disputas territoriais da antiguidade, os conflitos de nacionalidade, os entrosques religiosos, a delimitação das esferas de poder, entre outros fatores considerados tradicionais, estão cada vez mais interligados a fatores econômicos, a ponto de os fatores tradicionais passarem a assumir um papel secundário. Diante disto, já não é mais possível determinar o momento em que os principais atores, responsáveis pela deflagração de guerras, deixaram de ser os Estados soberanos e passaram a ser as organizações criminosas. As armas que estas organizações empregam podem ser aeronaves, canhões, gases venenosos, bombas, agentes bioquímicos, vírus de computador ou ferramentas de ordem financeira. Ou seja, todos os métodos da nova modalidade de guerra poderão ser empregados e a maioria destes ataques não são ações tipicamente militares, porém de força destrutiva idêntica ou superior à das guerras militares.

Os Estados que veneram o conceito moderno de soberania já deram início à ampliação das fronteiras da segurança, estendendo-as as múltiplas ambiências, compreendendo a política, a economia, os recursos materiais, a geografia, o meio ambiente, a nacionalidade, a religião, a cultura, as redes interativas, a geografia etc. Este tipo de “visão ampliada de soberania” constitui uma premissa para a sobrevivência e desenvolvimento dos países modernos, assim como para alcançar uma posição de influência no cenário mundial. Em correspondência à nova “visão ampliada de soberania”, deveria haver uma nova concepção de segurança - uma visão ampliada de segurança - que incluísse a totalidade dos interesses nacionais como a segurança política, econômica, cultural, das informações, em um único conjunto de objetivos nacionais. Assim, a visão ampliada de segurança abrangeria, além do tradicional conceito de domínio territorial, os inte-

resses nacionais. Para que a estratégia nacional seja capaz de garantir a consecução dos Objetivos da Segurança Nacional, ou seja, “A Grande Estratégia”, como é chamada, esta deveria combinar todas as dimensões e métodos constantes das duas grandes ambiências, a militar e a não militar.

Posteriormente, os autores examinam a questão da possibilidade do aumento das ações não-militares, baseadas na alta tecnologia, ameaçando a segurança nacional, em função do aumento de tratados internacionais que limitaram a corrida armamentista e a proliferação de armamentos. Os autores defendem que estas ações não-militares têm a capacidade de destruição igual à de uma guerra e que, na atualidade, os Estados não têm capacidade para impor ações necessárias e eficazes contra este tipo de guerra moderna fora da ambiência militar.

Os principais agentes que não dispõem do Poder Nacional e que empregam ações de guerra não-militar para atacar a comunidade internacional, também conhecidos por Estado-Rede, utilizam meios que vão além daqueles circunscritos a nações, regiões, regras ou normas. As fronteiras nacionais, o espaço invisível da internet, as normas de conduta e os princípios éticos não têm qualquer efeito restritivo sobre suas ações. Ao travar uma guerra com este tipo de inimigo, não haverá uma declaração prévia ou formal de guerra, bem como nenhum campo de batalha será claramente definido. No entanto, a destruição e os danos sofridos pela comunidade internacional não serão, de forma alguma, inferiores àqueles de uma guerra militar.

Para os autores, o método ideal para enfrentar um inimigo que não obedece às regras será, com toda certeza, dispor da capacidade de abrir caminho através de regras. Exemplo disto foi como o governo britânico permitiu que seu Serviço Secreto, “legalmente”, exterminasse os líderes de nações estrangeiras que eles consideravam terroristas. Isto representa uma ruptura em termos de método de operação que vai muito além da ambiência militar. Para tanto, deve-se empregar o método de combinação dos meios disponíveis em uma ambiência plena de incertezas. Os autores sugerem o emprego da combinação das ambiências do campo de batalha com outras que não pertençam a ele, bem como da situação de guerra com situação de não-guerra, elementos militares com não-militares. Um exemplo seria o emprego de um ataque financeiro, seguido de um ataque cibernético a fim de paralisar os sistemas de eletricidade, segurança, telefonia e aviação; e, por fim, o emprego de tropas até que o inimigo fosse forçado a assinar um tratado de paz de forma desonrosa.

A seguir, os autores definem e explicam o conceito de “*unrestricted*”, cuja tradução literal para o português seria “ilimitado”. Porém, a tradução adequada para os conceitos empregados neste livro foi realizada pelo CMG (RM-1) Eduardo Hartz Oliveira, instrutor da Escola de Guerra Naval, ao empregar a expressão “além dos limites” para traduzir o termo em inglês, tendo em vista que o construto teórico dos coronéis para o significado do conceito de exceder os limites é, em primeiro lugar, o de transcender a ideologia. Apenas, secundariamente, esse conceito significa que ao praticar ações, deva-se ultrapassar os limites e fronteiras dos contornos que podem restringir a guerra a determinados limites. Ou seja, a fronteira entre o que é o

campo de batalha e o que não é o campo de batalha; o que é uma arma e o que não é uma arma; entre um militar e o não-militar etc. **Ir além dos limites não significa ilimitado, significa ultrapassar todos os contornos e fronteiras que antes eram “limitados”, combinando oportunidades e meios disponíveis para alcançar tal objetivo.**

A partir deste ponto de vista, os autores apresentam o conceito de “Guerra de Supracombinação”, na qual incorpora os métodos das “Combinações Supranacionais”, da “Supracombinação de Ambiências”, da “Supracombinação de Meios” e da “Supracombinação de Níveis”.

As “**Combinações Supranacionais**” incorporam não apenas o Poder Nacional, como também as combinações de poderes supranacionais, transnacionais e não-estatais para a consecução dos objetivos da Segurança Nacional e garantia dos interesses nacionais. Como exemplo, emprega-se o caso da Guerra do Golfo, na qual houve a combinação de “aliança + forças combinadas”.

Da mesma forma que no contexto das “Combinações Supranacionais”, existe a “**Supracombinação de Ambiências**”, que significa, dentro do raciocínio de “além dos limites”, combinar os campos de batalha. Foi o que ocorreu na Guerra do Iraque, na qual a ação militar de 42 dias da “Tempestade do Deserto” foi seguida por um período de oito anos de pressão militar + bloqueio econômico + inspeções de armamentos, o que constitui um exemplo de como os EUA usaram as “Combinações Supranacionais” para atacar o Iraque em novos campos de batalha. Ou seja, a guerra não é mais uma atividade confinada à esfera militar: as diversas ambiências são afetadas pela guerra. Para tanto, deve-se utilizar a estratégia e a tática de “ir além dos limites” na combinação de todos os recursos de guerra para ter a confiança na obtenção da vitória.

Da mesma forma, existe a “**Supracombinação de Meios**”, que significa a combinação do emprego de todos os meios disponíveis na consecução de objetivos. Um exemplo claro desta combinação de meios está nas ações de algumas organizações terroristas: visando seus objetivos, combinam o lançamento de bombas com captura de reféns e ataques às redes interativas.

Outro conceito é o de “**Supracombinação de Níveis**”. Os níveis da guerra são divididos sob os aspectos da escala da guerra e dos métodos de guerra. Esta divisão ocorre em quatro níveis, a saber: o primeiro nível é o da “Grande Guerra – Diretriz da Guerra ou Grande Estratégia”. Em termos de escala, corresponderia às ações militares e não-militares da guerra, tendo o “supranacional” como limite superior e a nação como limite inferior. A estratégia neste nível implica nos estratagemas políticos. O segundo nível é o da “Guerra-Estratégia”. Incluem-se aí ações militares e não militares. A “estratégia” é o método correspondente neste nível. O terceiro nível refere-se às “Campanhas-Arte Operacional”. Representa a “Arte Operacional” das ações de combate. O quarto nível refere-se às “Batalhas Táticas”. Neste nível, enquadram-se as táticas e as ações básicas de combate.

Nas guerras do futuro, os autores defendem que não será mais possível que os problemas de um determinado nível possam ser solucionados somente pelos meios disponíveis naquele nível. Osama Bin Laden utilizou um método tático

quando usou apenas dois veículos com cargas explosivas e, com isso, estabeleceu uma ameaça para os interesses nacionais dos EUA em nível estratégico. Na guerra “Além dos limites”, a combinação homem-máquina pode realizar ações ofensivas que afetem desde o nível tático até o nível da Grande Estratégia. Um exemplo disto é a possibilidade dos danos causados pela atuação de hackers.

Na guerra militar e não-militar não existem ambiências que não possam ser ultrapassadas, não existem meios que não possam ser usados, como também não existem campos de ação e métodos que não possam ser combinados. Portanto, a aplicabilidade das ações de guerra em relação à tendência da globalização é demonstrada pelo qualificativo “além”: esta palavra é suficiente para identificar o emprego de métodos em qualquer tipo de combinação. A Guerra da Supracombinação, que vai além dos limites, nada mais é que uma maneira de pensar, e a partir desta condição é que ela pode se transformar em um método.

Por fim, os autores examinam o fato de que com a integração global será inevitável a alteração dos conceitos de autoridade nacional e de fronteiras de interesses nacionais. O conceito de Estado-Nação, que surgiu na Paz de Westphalia em 1648, não é mais o único representante ocupando a posição mais elevada nas organizações sociais, políticas, econômicas e culturais. O surgimento de um grande número de organizações “multinacionais”, “transnacionais” e “não-nacionais” está apresentando um desafio sem precedentes para a autoridade, interesses e vontade nacionais dos Estados.

Para os autores, com o mundo globalizado, não existe como evitar colisões entre gigantes blocos de interesse. Atualmente, qualquer meio político, econômico ou diplomático possui mais poder para suplantar os meios militares. Segundo os coronéis, as guerras sanguinárias foram substituídas por uma guerra sem derramamento de sangue. Contudo, como decorrência da globalização, pode-se dizer que todo o globo terrestre foi transformado em um campo de batalha. Neste campo de batalha, as armas são mais sofisticadas e, deste modo, embora menos sanguinária, a guerra é igualmente brutal. Neste sentido, verifica-se que a guerra está em processo de transcender a ambiência dos militares, transformando-se em um tema para políticos, cientistas e até mesmo banqueiros. A condução da guerra não é mais um problema para ser resolvido isoladamente pelos militares. A globalização interligou e encadeou todas estas questões e, conseqüentemente, seus problemas. Desta forma, com o intuito de resolver estas questões, em todos os níveis e ambiências, os coronéis chineses Liang e Xiangsui propõe o emprego de uma multiplicidade de meios e métodos baseados na teoria da “Guerra Além dos Limites”.

NOTAS

1. LIANG, Quiao; XIANGSUI, Wang. *Unrestricted Warfare*. Beijing: PLA Literature and Arts Publishing House, February 1999. Traduzido por CMG (RM-1) Eduardo Hartz Oliveira, sob o título: *A Guerra Além dos Limites: Conjecturas sobre a Guerra e a Tática na Era da Globalização*.
2. Os autores consideram a invasão russa no Afeganistão em 1979 como o marco inicial da 1ª Guerra do Golfo.